

Brasil ainda espera um acordo

MOISÉS RADINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — No meio do furo cruzado da briga entre bancos internacionais e o Departamento do Tesouro norte-americano, sobre como resolver o problema da dívida, o Brasil continua acreditando num acordo, talvez ainda para esta semana, como previa um negociador brasileiro, "prudentemente otimista", na tarde de ontem.

A razão da briga entre banqueiros e governo norte-americano é a mesma que impede a conclusão de um acordo com o Brasil: os credores querem garantias do Banco Mundial para 10% dos US\$ 5,2 bilhões em dinheiro novo que prometeram ao governo brasileiro, mas o secretário do Tesouro, James Baker, está contra.

Como diz The Wall Street Journal de ontem: "Depois que bancos americanos, ingleses e canadenses aumentaram suas reservas contra empréstimos duvidosos ao Terceiro Mundo em mais de US\$ 20 bilhões, no ano passado, tanto o Departamento do Tesouro como os grandes bancos esperam, um do outro, que se faça mais para enfrentar as dificuldades da dívida".

O Journal afirma que o Citicorp e o Bank of Tokyo consideram as garantias "essenciais" para convencer alguns bancos "cada vez mais relutantes, especialmente os pequenos bancos americanos e alguns estrangeiros", a entrar no novo pacote brasileiro. Mas o departamento do Tesouro argumenta que as garantias devem ser usadas só em alguns pouquíssimos casos, mas nenhum que incluiria, agora, o Brasil. Há funcionários do governo

que estão acusando os banqueiros de atrasar, deliberadamente, o final das negociações com o Brasil, para extrair o máximo em concessões.

Os grandes bancos americanos estariam passando por cima do Departamento do Tesouro, segundo o Journal, e procurando o apoio da Inglaterra e do Japão para as garantias do Banco Mundial. Muitos banqueiros criticam o secretário James Baker, e seu subsecretário para as questões internacionais, David Mulford, pelo apoio que deram a programas de alívio da dívida executados pelo México e Bolívia, dificultando ainda mais a concessão de novos empréstimos.

Mulford criticou duramente os bancos por sua abordagem passiva ao problema da dívida, durante a assembleia anual da associação

dos banqueiros para comércio exterior, em Boca Raton, na Flórida. Ele foi "incorreto", lamentou o presidente do Lloyds Bank, Michael Hunter, que está enfrentando problemas para completar um pacote de US\$ 330 milhões para o Equador.

A briga entre o Departamento do Tesouro e os banqueiros afeta principalmente o Brasil, atrasando ainda mais o acordo com os bancos, e depois a Argentina, que está esperando para iniciar suas negociações para obter novos empréstimos num total de US\$ 1,5 bilhão.

O encontro entre o ministro Mailson da Nóbrega e o secretário Baker, na última sexta-feira, já teria produzido algum impacto nas negociações de Nova York? Tanto

do lado brasileiro como do americano podia-se notar um certo otimismo, após a primeira reunião de ontem, entre os negociadores. Nenhuma das fontes ouvidas, porém, registrou algum progresso nos quatro pontos pendentes do pacote de médio prazo.

O primeiro dos pontos problemáticos é o centro da briga entre banqueiros e o governo norte-americano: as garantias do Banco Mundial. No segundo ponto, o da questão da penhora liminar, uma posição defendida pelo Brasil parecia estar praticamente aceita pelos banqueiros: uma penhora só poderá ser requerida se pedida pela metade dos credores, e não por qualquer um, isoladamente.

Um terceiro ponto poderia ser considerado, segundo uma das fontes, como "bem encaminhado": os bancos não estão querendo nenhum limite para converter o dinheiro novo que vão emprestar em investimentos. O quarto, continua sendo um impasse: o empréstimo-ponte. Os banqueiros parecem convencidos de que o Brasil pode pagar os juros de março, e o trimestre abril-maio-junho, com as reservas de seu superávit. O ministro Mailson da Nóbrega os desmente categoricamente, repetindo que "o Brasil não vai pagar mais juros (fora os de março, de US\$ 220 milhões) se não receber ajuda".

"Não dá para bater o martelo ainda", dizia um dos negociadores, ontem, em Nova York. "Acho que se pode esperar algo para esta semana", afirmou um banqueiro internacional. Um funcionário do governo americano disse ao Estado: "Essas negociações são como as novelas da televisão brasileira. Há sempre mais um capítulo..."